

BRIGITTE BARDOT E A SÍNDROME DE LOLITA

Daniella Zupo

Escritora, jornalista de cultura e apresentadora do podcast As Perennials

“POR QUE VOCÊ SE APAIXONA? NADA PODERIA SER MAIS COMPLEXO. Porque é inverno, porque é verão, pelo excesso de trabalho, por muito ócio, por fraqueza, por força, por uma necessidade de segurança, um gosto pelo perigo, por desespero, por esperança, porque alguém não te ama, porque ele te ama”. A frase, de Simone de Beauvoir, conhecida internacionalmente por seu paradigmático *O segundo sexo*, referência incontornável para o movimento feminista, revela uma faceta menos conhecida da filósofa: a sua atuação na imprensa americana como articulista de jornais e revistas.

A acima citada divagação sobre o amor e seus (ou nossos!) equívocos faz parte de um livro que reúne textos escritos sob encomenda entre os anos 1940 e 1960, publicados no Brasil pela Quixote+Do em edição de 2018.

O ensaio que dá título ao livro, e que foi publicado em 1957 pela revista *Esquire*, trata do impacto gerado por Brigitte Bardot, alçada ao estrelato após o filme *E Deus criou a mulher*, e que, curiosamente, teve rápida aceitação do público americano, enquanto foi duramente criticada pelos franceses. Bardot, explica Beauvoir, foi a primeira atriz a não caber



BEAUVOIR, Simone de. *Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita e outros escritos*. Belo Horizonte: Quixote+Do Editoras Associadas, 2018.

nos estereótipos do cinema e da sociedade ao personificar uma mulher que vive conforme seus desejos, abrindo novas perspectivas para o feminino.

Em “Uma existencialista observa os americanos”, publicado em 1947 pelo *The New York Times*, Beauvoir faz uma investigação da rápida transformação da sociedade americana após a Segunda Guerra. Como uma intelectual francesa, ela observa as consequências – positivas e negativas – de um capitalismo que surge como forma de projetar e comunicar os desejos das pessoas.

Em “O que o amor é: e o que não é”, publicado em 1965 pela revista “feminina” *McCall's*, provavelmente o mais surpreendente dos três ensaios para os leitores da lendária feminista, Beauvoir escreve sobre o amor em um texto considerado irônico por alguns estudiosos. Para a pesquisadora e organizadora do livro, a professora Magda Guadalupe dos Santos, resgatar o amor seria uma forma de recuperar, em um contexto de desencanto do Pós-Guerra, a esperança no mundo.

Com sua enorme bagagem cultural e um olhar atento ao seu tempo, Beauvoir comprova, nesses textos, de uma safra talvez menos conhecida, o mesmo traço dialógico presente em seus romances, ensaios ou autobiografias. E a mesma preocupação em desmitificar a cultura, revendo preconceitos e ampliando leituras convencionais.

Eis um convite a conhecer a obra da filósofa a quem devemos nada menos que a concepção de gênero para o que até então era definido como sexo. A saber, a condição feminina como uma afirmação.